

CRÍTICA TEATRO | MANDE NOTÍCIAS DO MUNDO DE LÁ



Assistir Arlete dialogando com um caixão remete-nos à sua primorosa performance na premiada 'A Partilha', de Miguel Falabella

Finitude rarefeita

Uma peça é uma série de ações, não trata da ação e nem descreve a ação, é a própria ação. A ação ocorre quando acontece algo que faz com que, ou permite que, uma outra coisa aconteça. Portanto, tomando como pressuposto que o texto dramático é concebido com vistas a sua materialização no palco por meio de atores,

essa modalidade literária, além de possuir aspectos peculiares, consequentemente requer também uma investigação criteriosa, tanto para sua compreensão como para uma possível fruição. A funcionalidade do texto teatral depende extremamente de métodos e técnicas específicas para o próprio teatro, como atesta David Ball, teórico e dramaturgo americano, autor do influente livro de análise

do texto dramático “Para Trás e Para Frente: Um Guia para Leitura de Peças Teatrais”. “Mande Notícias do Mundo de Lá” exibe uma dramaturgia pífia, a julgar pela narrativa pouco inventiva, onde a previsibilidade é constante, sem estabelecer elementos que coadunam com o âmbito teatral. Carlos Jardim envereda sua escrita sobre a consciência da morte, dos dissabores de envelhecer, adicionando humor diante de inúmeras

contradições, o que auxilia sua fabulação, apesar de não torná-la eficiente. Eulália Eugênia é uma mulher tomada de vida com pavor da morte e que depara-se com o velório da melhor amiga, Rosimere. Ao discorrer sobre lembranças e aventuras que viveram juntas, a ideia instiga, mas não alça voo por convergir em lugar comum. Por ser ampla e complexa, a terceira idade justifica um aprofun-

damento. Carlos Jardim conduz sua montagem de forma simplória. Marcas desvalidas não favorecem o talento de uma das maiores atrizes do país, mas alguns deslocamentos articulam uma dinâmica, pela qual o espetáculo ganha força. Vale ressaltar a direção de movimento de Roberta Serrado e Natacha Travassos, que norteiam e sustentam a corporeidade da intérprete. Em contrapartida, dona de uma trajetória exitosa, Arlete Salles abrihanta-se todo o tempo. Experiente e talentosíssima, aos 88 anos carrega seu primeiro monólogo com extrema segurança. Impressiona como seus estímulos corporais e vocais estão resguardados, mantendo a bela conexão com a audiência, como sempre. Os graves potentes, além dos rompantes de interpretação, que conceberam a dama da cena, são de uma exuberância ímpar. A atriz dança ao som da banda sueca Abba, diverte-se e inebria a todos com sua dramaticidade e timing cômico afinado. Assistir Arlete dialogando com um caixão remete-nos à sua primorosa performance na premiada “A Partilha”, de Miguel Falabella. Um esquife e cadeiras ambientam a cenografia do diretor. Blusa preta e saia plissada acetinada compõem o figurino de Antônio Rocha. Os efeitos lumináres de Sarah Salgado dialogam com a proposta. E Liliane Secco acerta na trilha sonora gerando interferências musicais delicadas e ao finalizar com a beleza de “Redescobrir”, na voz inconfundível de Elis Regina.

N A R I B A L T A
POR AFFONSO NUNES



Erosão em tempos digitais

“E Se Fôssemos Baleias?”, do Coletivo Teatral A Digna, acompanha uma trabalhadora de um centro de distribuição de uma gigante de tecnologia, consumida por jornadas de 12 horas, insônia e algoritmos. Após sonhar que é uma baleia, ela reage de forma inesperada à própria rotina e vê sua vida virar conteúdo viral. Com direção de Fernanda Raquel e dramaturgia de Victor Nóvoa, a peça discute a erosão do corpo no trabalho digital. Até o dia 27/9 no Sesc Copacabana. O elenco reúne Ana Vitória Bella e Helena Cardoso.



Epifania na cozinha

O conto “O Ovo e a Galinha”, da escritora Clarice Lispector (1920-1977) ganha transposição para o palco em montagem na qual Ana Hartmann encarna a própria escritora. Dirigida por Hartmann e Joana Medeiros, a peça preserva integralmente o texto publicado originalmente em 1964 e o atravessa com som, projeção e música ao vivo. Da observação de um ovo numa cozinha nasce uma experiência de epifania, silêncio e estranhamento. A peça permanece em cartaz até o dia 27 no Teatro Ziembinski, na Tijuca.



Diante de recomeços

Marcella Muniz protagoniza “Água Fresca para as Flores”, primeira adaptação latino-americana autorizada do best-seller da romancista francesa Valérie Perrin, que também teve versão para o cinema. Com adaptação e direção de Bruno Costa, o monólogo acompanha uma mulher que atravessa perdas, relações e recomeços sem abrir mão da delicadeza. A encenação investiga luto, maternidade, vínculos e resiliência, em uma narrativa de tom poético. A temporada foi prorrogada até 4 de outubro no Teatro Fashion Mall.